



### “7x1, 1x0...!”

Sugiro aos leitores desta coluna da *Revista Força Aérea* que não tiveram a oportunidade de ler o número anterior que o façam... Importante ter uma noção da “Teoria do Cisne Negro” para compreender minha argumentação daqui para a frente. E escrevo este texto um dia depois da conquista germânica sobre o Chile na Copa das Confederações, com a equipe mais jovem da competição, 20 e poucos anos de idade em média. Contra Alexis Sanchez, Vidal e o “pitch bull” Medel. Uma equipe renovada, desacreditada, corajosa... Coragem do seu treinador, Joachim Low, e dos seus dirigentes. 12 de julho de 2000, a seleção alemã de futebol passa por um dos seus maiores reveses na história. O time que um dia foi comandado por Franz Beckenbauer, a toda poderosa tricampeã mundial e mais vitoriosa equipe do planeta na década de 90, sucumbiu ao empate diante da fraca Romênia na primeira fase da Eurocopa daquele ano. Prenúncio da eliminação sem uma única vitória naquele ano, oito dias depois.

“Cisne Negro”, desastre anunciado ou não, percebido ou não, a organização do futebol alemão pensava então como nós brasileiros... Nas palavras do ex-jogador Paulo Breitner, “Antes disso pensávamos em sistemas de dois anos, da Eurocopa para a Copa. Da Copa para a Eurocopa. Se ganhássemos a Copa, tudo estava ótimo e não precisava fazer nada. E ficávamos sem fazer nada, enrolando dois anos. E assim íamos levando, ganhando e perdendo, sem mudar nada. Mas se você vencer qualquer coisa sem jogar um bom futebol, um futebol de bom nível, você precisa pensar. E para mudar seu futebol tem que mudar em seis, oito anos”. E ele ainda completa, após o desastre brasileiro no Mineirão: “Não adianta mudar com jogadores de 17, 18 e 19 anos. E sim meninos de 11, 12 e 13 anos. E você realmente precisa mudar coisas que importam. É o caminho. Quando você diz que nosso último título foi em 1996, foi um dos divisores de águas no futebol alemão. E nós estávamos pensando que éramos os melhores, que não tínhamos que aprender nada com ninguém. É a situação que o futebol brasileiro está hoje”.

O que mudou a partir daí se deu principalmente pela humildade dos atores envolvidos, que se curvaram diante dos fatos.

Como menciona um artigo da ESPN, “desde o vexame da Eurocopa 2000, o governo alemão direcionou gastos que superam US\$ 1 bilhão no futebol. São, hoje, 370 centros de treinamentos para menores em todo o país, com mais de 25 mil jovens tentando a sorte no esporte. Outro ponto importante é o quesito bilheteria: os preços de ingressos foram mantidos congelados, o que faz com que os torcedores sempre lotem os estádios – a média de público da Bundesliga supera 45 mil pessoas por jogo”.

O artigo continua: “Magnatas e empresários estrangeiros foram proibidos de comprar agremiações. Isso se reflete no fato de que todos os clubes da Bundesliga estão em dia com suas finanças. O poderoso Bayern de Munique, por exemplo, tem cinco campos

de treinamento repartidos em 70 mil metros quadrados que treinam quase 200 jogadores, 90% deles da região, com clara ideia de criar atletas identificados com as raízes da agremiação da Baviera – são R\$ 10 milhões por ano investidos na base”.

“Mudamos o que se priorizava até então na Alemanha, que era a condição física. Esse trabalho demora 4, 5 ou 6 anos para ter efeito. E agora, nesses últimos dois ou três anos, podemos ver a primeira geração de 19, 20 e 21 anos. Um time jovem que tem um grande futuro pelos próximos quatro, seis anos. Ainda tem muito o que aprender esse time. O time tem se desenvolvido passo a passo e seremos um dos favoritos para conquistar a Copa no Brasil e também na Rússia, em 2018, pois agora estamos no caminho certo”, expressou Paul Breitner.

Isso foi antes deles conquistarem a Copa no Brasil, com humildantes 7x1, que presenciei pessoalmente em Belo Horizonte, sobre nosso selecionado e antes de bater o favorito Chile na preliminar da Copa da Rússia há dois dias.

Como os leitores já sabem, adoro fazer essas provocações que nada aparentam ter com o tema Indústria de Defesa. Mas não é bem assim! Estou falando de planejamento de longo prazo, de chacoalhar o status quo, como fizeram na Alemanha. Fazer agora o que só surtirá efeito na próxima geração!

Há quantos anos assistimos nas sessões legislativas as mais assertivas manifestações de solidariedade à Defesa Nacional e ao caráter estratégico da Base Industrial de Defesa? Quantos se manifestam como verdadeiros conhecedores da realidade da indústria, emulando os alemães que não precisavam de palpites de ninguém na década de 90? Enquanto isso, a realidade da BID é sombria.

Nos vários seminários, feiras e eventos de Defesa, parece que o discurso se estagnou no início dos anos 2000 quando cheguei ao grupo EADS, hoje Airbus Group... Há tempos não ouvimos nada “fora da caixa”. Precisamos ousar! Os discursos proferidos nesses eventos parecem escritos pelo mesmo personagem! Absolutamente NADA mudou.

Joachim Low, treinador alemão vencedor da Copa do Mundo e da Copa das Confederações, ousou ao abrir mão de escalar um goleiro como Neuer, campeão mundial e estrela do Bayern de Munique, para atrever-se com o novato Ter Stegen.

Enfim... quando teremos campo fértil em Defesa para planejar a longo prazo, com método, eficácia... e, sobretudo, quando poderemos pensar fora da caixa, deixar nossas verdades de lado para tentar algo novo, ousado? Vamos renovar os atores! Vamos promover os novatos!

E sobretudo... vamos parar de pensar de um ano para o outro, de um Orçamento para o outro, numa contínua reprodução do morno, do previsível...

Desculpem o desabafo de um torcedor...